

AFUNDANDO EM LETRAS

Amo as irredutibilidades. Amo aquilo de mais particular te constitui e impede que você vire o outro: se você quiser "outrar", você precisa fazê-lo segundo seus próprios caminhos. Ao mesmo tempo, seu próprios caminhos não teriam nada de próprio - no sentido de propriedade - mas eles seriam fendas ou canais pelos quais é permitido que você passe ou mesmo que você se desloque, talvez, afunde, fique sem fundamento.

Mas voltando às irredutibilidades: eu as amo não por um apego à uma noção de eu, de próprio, de circunscrito e claro mas antes porque nas irredutibilidades você chega ao concreto. Nas irredutibilidades você chega ao mundo. É, isso mesmo, ao mundo. Flusser concebe objeto como aquilo contra o qual você esbarra. Então, é isso, as irredutibilidades são os esbarrões, são encontros com o mundo.

É isso que estamos procurando: quatro projetos avizinados - já que tratam de grandes categorias tais como dança, acervo/arquivo, curadoria, pensamento - procuram suas irredutibilidades. Procuram onde eles se encostam (e por isso estão em área de vizinhança) mas também onde eles se esbarram.

Irredutibilidades:

1) Acervo Recordança: tratar da dança recente de um contexto local - a cidade de Recife. Um acervo longo em termos de anos de atuação e que recolheu material a fim de que, desse lugar da dança de Recife se pudesse falar em quem veio antes de mim, quem me é contemporâneo. Simultaneamente revelando sua faceta inventiva de arquivo, o Acervo Recordança também trabalha sobre "pontas soltas", tais como entrevistas datadas de 10 anos atrás e não feitas para serem publicizadas e retrabalhadas como material de história. Trabalhando também nas sobras e vazios das narrativas, dando a ver essas sobras e vazios e com isso (re)construindo história. A exposição de 10 anos propõe pelo menos três percursos de visita, percursos criativos organizados em torno de espaços da dança: o palco, a sala de ensaio, a produção. A coleta e disponibilização de arquivos de maneira reinventada pelos pesquisadores.

2) Acervo Mariposa: um ponto bastante específico é trabalhar sobre *copyleft*. Incitar os artistas esse modo de compartilhar onde a sobrevivência da criação se dá no compartilhamento. Um acervo, portanto, assimétrico pois caminha no relevo *copyleft*, aberto, compartilhador, comum, aberto ao encontro com o outro. A partir daí deslizar para curadoria foi questão de sobrevivência, entendendo que a produção de contexto e a maleabilidade na forma de dar a ver o arquivo são partes constituintes do próprio acervo. Com ações elásticas: curadoria do próprio acervo, conversas com artistas, provocações a artistas e um pézinho em como se desenha, literalmente, o acervo convidou ilustradores para dar forma visual às suas curadorias. A curadoria como desenho.

3) Temas de Dança: trabalhando no gerúndio, aborda o arquivo fazendo e sendo arquivo, deixando marcas de suas passadas, abordando o fazer da história e da dança. Uma especificidade bem importante é a de que o grupo transita entre disciplinas da arte e do conhecimento, buscando pontes entre corpo e pensamento, num contexto ampliado do papel das artes dentro da cultura contemporânea. Olhando a dança e o

mundo como fenômenos articulados um no outro. O temas é algo que está andando e o caminho dele se faz no próprio caminhar, com uma atenção na documentação dos passos.

4) Cartografias da ficção ou lose yourself to dance: proposta de construir mapas visuais de alguns percursos em e com a história da dança, entrelaçando narrativas pessoais e coletivas. Diagramas que desenham a deriva, a descontinuidade. Por vezes mais lógicos e em outras vezes diletantes, a proposta é enfatizar a ficção, o exercício de articular promiscuamente uma referência, um pensamento, um acontecimento. Se captei razoavelmente a proposta seria dar a ver as camadas afetivas, cognitivas, contextuais e aleatórias de um diagrama em dança. Como lido com as minhas referências? Como as reconstruo? Como as invento?